



# Caderno de Cultura Nódoa no Brim

## MULHERES EM NOTAS MUSICAIS

*Roberto Boaventura (Jornalismo/USP)*



Estamos envoltos a mais um 08 de março, marco de lutas iniciadas no final do século XIX e começo do XX. Logo, trata-se de uma demanda que não nasceu no séc. XXI. A tarefa deste momento é eliminar toda situação de violência que envolve as mulheres. Não é tolerável, p. ex., que durante o carnaval, só no Rio, a cada quatro minutos, uma mulher sofrera algum tipo de violência.

Por conta de sua vastidão, para pensar sobre esse processo, delimitar o tema é preciso. Pressupondo que muitos falarão da desigualdade que a mulher ainda enfrenta em nossa sociedade, predominantemente machista, bem como dos números alarmantes sobre a violência de que são vítimas, falarei do tema pelo viés da arte. Como isso ainda é vasto, o recorte fica para a música.

## CALABOUÇO

Lucinda Persona

Vida

lavrada na ata cotidiana  
síntese do sentimento  
das realidades perdidas  
(e amadas inutilmente)

Estou agora como gosto de estar  
entre meus objetos e os escombros  
do silêncio noturno. Aqui, nesta sala  
Neste universo como princípio e fim  
onde nada se transforma  
de uma hora para outra  
e qualquer visita é improvável

Não faz tempo (eu que estou no imenso  
calabouço de uma noite)  
Tive uma assombração de sol  
Fui a cozinha e vi mamões maduros  
Adormecidos numa fruteira.  
Os mamões tem sementes negras  
sementes negras e úmidas  
em seu calabouço  
e que amanhã poderão estar livres  
dar novos mamoeiros  
eu, não  
e o mundo é assim.

Lucinda Persona, em *Sopa escaldante*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001.

**Caderno de Cultura**  
"Nódoa no Brim"

Realização: **Diário da Serra**  
O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA | ISSN 2238-6467

**UNEMAT**  
Universidade do Estado de Mato Grosso

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários **PPGEL**

**EDITORES**

**Walnice Vilalba** é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

**Lilian Reichert Coelho** é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

**Maria Madalena da Silva Dias** é graduada em letras, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL).

**Fabiola Tormes**, direção e jornalismo do Diário da Serra.

e-mail: wdiaspinono@gmail.com

**ENDEREÇO**  
Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II • Tangará da Serra-MT CEP: 78300-000 Fone(65) 3326-4724 Fax 3326-6501

Este caderno é parte integrante do Diário da Serra  
www.diariodaserra.com.br

# MULHERES EM NOTAS MUSICAIS

Roberto Boaventura (Jornalismo/USP)

Nesse enfoque, longe vai o tempo em que as mulheres eram elegantemente cortejadas. Na língua portuguesa, o comportamento cortês remonta as Cantigas de Amor. Nelas, o eu-lírico masculino, retratando a estrutura feudal da Idade Média, se colocava na condição de vassalo de sua senhora.

No geral, essa elegância artística foi o que predominou por séculos. Deselegâncias publicamente explícitas só passaram a ser mais visíveis já nos marcos da contemporaneidade; e de forma mais acentuada, nas décadas mais recentes, coincidindo, paradoxalmente, com a ascensão da luta dos movimentos feministas.

No Brasil, quando o tema é mulher, elegâncias e deselegâncias em notas musicais sempre coexistiram. Todavia, sobrepondo-se a outros, um tipo de respeito à lá estilo medieval marcou inúmeras das nossas composições. “Rosa” de Pixinguinha é emblemática. Sua singeleza já se coloca no título linguisticamente dúbio: a rosa (flor) também pode ser Rosa (uma mulher).

Nesse jogo de palavras, não sem forte presença da religiosidade, apreciamos versos como os que seguem:



“Tu és divina e graciosa, estátua majestosa.../ Por Deus esculpada.../ Da alma da mais linda flor.../ Que na vida é preferida pelo beija-flor.../ Tu és de Deus a soberana flor/ Tu és de Deus a criação que em todo coração.../ O riso, a fé, a dor/ Em sândalos olentes/ Cheios de sabor/ Em vozes tão dolentes/ Como um sonho em flor...”

Mantido o véu religioso até o epílogo da canção, a sequência gradativa dos elogios à rosa/Rosa

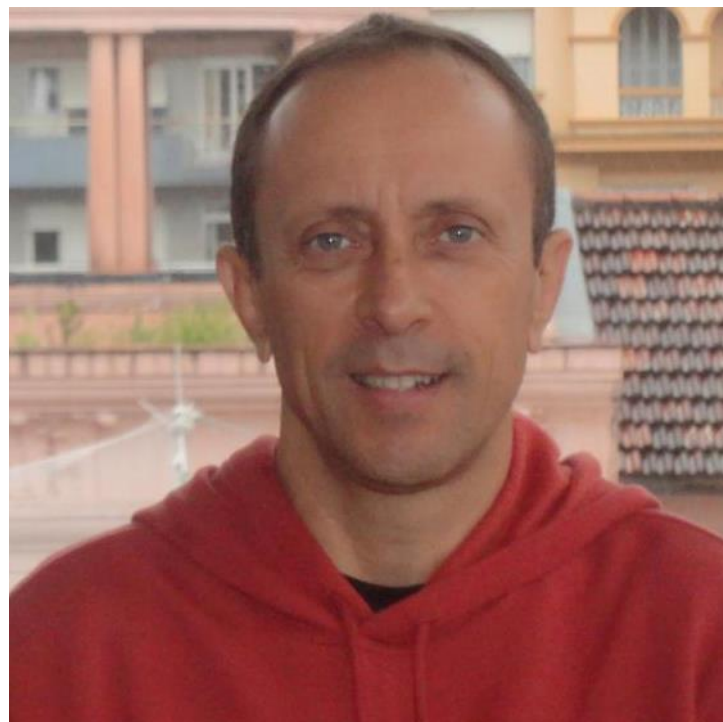
atinte o ápice do enorme respeito dispensado ao ser feminino nos versos abaixo:

“Perdão! Se ousar confessar-te/ Eu hei de sempre amar-te/ Oh! flor! Meu peito não resiste/ Oh! meu Deus, o quanto é triste/ A incerteza de um amor/ Que mais me faz penar/ Em esperar/ Em conduzir-te/ Um dia ao pé do altar...”

Infelizmente, toda essa beleza poética aos poucos se esvai num sumidouro. Contudo, algumas composições de compositores, como Chico Buarque, Chico César, Gonzaguinha et alii, insistem em resistir. “Ponto de Interrogação” – de Gonzaguinha – chega a ser inquietante pelas perguntas que faz ao ser masculino.

No lugar da poesia que se esvai, resta um conjunto de violências simbólicas que já atingiu o mais baixo nível da degradação. Nesses tempos de delicadezas perdidas, as mulheres já foram completamente ultrajadas. Em clima de ultraje, não é estranho que em alguma “música” possamos ouvir algo como “Tu é uma cachorra safada, sem-vergonha...”

A sociedade precisa dar um basta nesse tipo explícito de violência simbólica, travestida de música. Ela desencadeia outras violências. A educação formal de qualidade e bens culturais providos de valores precisam se tornar políticas públicas. Enquanto isso não ocorrer, a violência será a rainha triunfante dos lares e dos bares.



## A COR DO PARAÍSO

Walnice Vilalva (PPGEL/UNEMAT)



**A cor do paraíso** é um belo filme iraniano, de Majid Majidi (2000), que narra a infância do menino cego, Mohammad, e a sua complexa relação com o pai, mediada por rejeição e vergonha. A narrativa fílmica

precisa o tempo das férias, da saída do internato para cegos ao retorno ao lar, a convivência com os irmãos e a avó. É desse curto espaço de tempo que a narrativa poética de Majid Majidi, contrastivamente, desenvolve dois personagens centrais, pai e filho; infância e mundo adulto exprimem pela dessemelhança, pelos laços sanguíneos, as formas do abandono, o erro, a dor, numa dolorosa poética da solidão.

Pai e filho são personagens contrastivos. O pai endurecido pela perda da esposa torna-se cego para o amor do filho. O menino cego persegue o mundo, percebe a feição, os afetos como quem respira o frescor do vento, sente a água, ouve as plantas. A capacidade sinestésica da imagem em “A cor do paraíso” minimiza o diálogo, potencializa o silêncio da imagem, no gesto, na cor, na força da natureza. Essa condição sinestésica da imagem fez da fotografia poesia.

## Livro de Cabeceira

## AMORA

Natália Marques da Silva (LETRAS/UNEMAT)

Vencedor do prêmio Jabuti em 2016, **Amora**, o belo livro da escritora Natalia Borges Polesso, apresenta histórias protagonizadas por mulheres lésbicas em diversas fases e situações da vida. Apesar de o elo temático da obra ser o homoerotismo feminino, a sensibilidade aguçada da autora o expande, tornando **Amora** uma obra que evidencia o amor em seu sentido amplo, irrestrito. Ao todo, a coletânea é composta por 33 contos, dividida em duas partes, que versam sobre descobertas, angústias e silêncios de mulheres que vivem seus desejos de maneira a condicioná-los na esfera do particular e do íntimo a dois. Na primeira parte, “Grandes e sumarentas”, há ironia, anseio, indulgência e humor, em narrativas marcadas por uma vontade em querer dizer o desejo, numa busca pela apreensão da liberdade do afeto, sempre encarcerada nas amarras da solidão. Na segunda parte, “Pequenas e ácidas”, como o próprio nome diz, os textos são sucintos, da mesma forma que os títulos, presentificando uma escrita carregada por uma prosa poética em um tom quase confessional.

As personagens de Polesso possuem conflitos críticos, amores vencidos transformados em frustrações, medos e lamentos. Nessa realidade desencaixada, destaca-se uma mistura precisa e firme de perspectivas em primeira e terceira pessoa, nas quais os conflitos das personagens parecem nunca resolvidos, embora passíveis de mudança e resolução. Ler as mulheres desta obra é escapar dos limites do proibido, deslocar-se, ser Outro e um pouco do mesmo em dúvida e angústia. Ao longo dos contos, moram os rastros de deslocamentos, mapeados pelas dúvidas e dores das personagens quando ultrapassam os limites de si pela palavra ou pelo segredo. Ao final de **Amora**, a impressão é a de que as experiências das personagens existem no nível do

incognoscível, que só é possível começar a entender, em seus limites, pelas incertezas que as habitam.

